

Orquidário - 10 anos, uma já longa mirada sobre as

Volume 4, nº 4, 1990
outubro, novembro e dezembro

Orquídeas.

Raimundo Mesquita^(*)

CREIO QUE NADA MELHOR PARA retratar estes 10 anos do que lançar um olhar retrospectivo sobre os anteriores 39 números de Orquidário: 1106 páginas impressas, 861 de texto, e 894 ilustrações, a cores e em preto e branco.

Começou de maneira modestíssima, sendo os primeiros números impressos a partir de fotocomposição, em que se vê a marca indelevel das primeiras máquinas de escrever elétricas, da IBM, aquelas de esfera. Veem-se páginas escritas com os tipos "paica" ou "elite", etc. Ainda não havia muita preocupação em identificar a autoria de desenhos e ilustrações (vejamos, a falta de indicação dos autores da foto da capa, da ilustração na folha 4, *Catasetum vinaceum* Hoehne, do *Doritenopsis*, na folha 10, e assim por diante). Quem sabe pensava-se que a publicação era tão pequena, modesta e efêmera que essas pequenas infrações às leis dos direitos autorais não tinham relevância econômica para os autores. Eram tempos românticos... Mas é importante ver, que não estão tão longe assim, até mesmo para esses "bichos da terra, tão pequenos" e de tão curta duração, como somos nós, humanos...

A modéstia da forma, contudo, não era acompanhada pelo conteúdo, que, já no primeiro número, era muito bom, com 3 artigos de Roberto Agnes (sobre julgamento de orquídeas; sobre *Phalaenopsis* e sobre *Disa*, numa série, que iniciava, sobre orquídeas africanas e que ficou em apenas três, as mais conhecidas, *Disa*, *Ansellia* e *Angraecum...*), de Francisco Miranda, o Editor, sobre o gênero *Laelia*, e o famoso e oracular texto de Alvaro Pessôa, introduzindo a aplicação da "Lei da Implicância Natural das Coisas" ao reino da orquí-

dofilia.

Apareceram, também, umas ilustrações de *Laelia*, que, depois, viriam revelar uma, então, pouco conhecida, mas já promissora, ilustradora botânica, Cristina Miranda, que, mesmo sendo casada com o Editor, não foi identificada...

A experiência de Orquidário, não há que ter dúvidas, tem sido sumamente importante para todos nós que a temos construído, construindo a Orquidário.

Mesmo experientes e competentes orquidófilos como já eram, naqueles tempos iniciais, os três que citei acima, muito terão aprendido com este fazer, que incita e mexe com as melhores e mais importantes qualidades intelectivas de cada um. Quantas vezes não fomos reptados a estudar alguma coisa, para produzir um texto mais informativo, mais rico de conteúdo, de melhor forma? Quantas outras não tivemos que estudar sobre editoração? E quantas e quantas vezes, o aprendizado não ficou evidente nos erros cometidos?!

Escreveu, um dia, Joseph Conrad que a ignorância e o despreparo nos dão a audácia necessária para empreender... Foi o que aconteceu com a Orquidário e com sua voz, Orquidário. Tiveram, tivemos a capacidade, ou, melhor dizendo, a coragem de ousar e os resultados estão aí, para serem avaliados e julgados. Nós, os que a iniciaram e os que, somando-nos àqueles, participamos desse esforço, estamos certos de que o resultado terá sido, de longe, positivo.

Os Erros e os Acertos.

Forçoso é convir que nestes 10 anos, muitos e muitos erros terão sido cometidos, alguns, a maioria, por culpas nossas, outros

nem tanto, resultado que foram de erros de autores de artigos e posta a preocupação editorial de respeitar, no mais possível, o texto remetido pelo autor, que, em alguns casos, consultado, manteve sua posição. Em outros casos, resultaram de "correções" feitas por esta versão moderna dos "diabinhos das tipografias", que são os revisores de provas, outras, ainda, resultantes das limitações das empresas gráficas que nos atendiam, porque só aquelas nos permitia contratar o nosso curtíssimo orçamento.

Como a maioria das mais importantes revistas orquídeas do mundo, tivemos fotos de boa feitura borradas por que uma das seleções de cor deslocou-se na hora da impressão ou por que a gramatura do papel abriu com o calor. Tivemos, também, as nossas fotos de flor literalmente de pernas para o ar e isto não foi causado pelo peculiar fenômeno de "resupinação", mas por tentativa de acerto dos montadores de páginas, que, vez por outra, pensavam que, como é o segmento mais belo da flor de orquídea, o labelo deve ficar no alto da foto.

Exemplo dos nossos erros, quando levamos às últimas consequências o respeito ao manuscrito do autor, está no nosso último número (Vol. 10, no. 1, pag. 7), quando foi descrita uma espécie nova, do Espírito Santo, equivocadamente denominada no texto original como *Kaustkya*, sendo visível o equívoco do truncamento de nome (que deveria ser *Kautskya*), eis que o apelido foi dado em homenagem ao emérito capixaba Roberto **Kautsky**.

Cometemos erros de toda sorte, de atribuição de autoria, em história já bem conhecida dos leitores, outros gramaticais, alguns de nomenclatura, que passaram pelos corretores ortográficos eletrônicos e pelos meios convencionais de revisão, mas que raramente passaram, infelizmente depois, por dois atilados, ferozes e competentes censores, que, por muito amor à qualidade

da nossa publicação, com regularidade os identificam e apontam, Waldemar Scheliga e Oscar V. Sachs Jr....

Temos alguns erros já "clássicos", como o de não ter visto que uma gravura de Freire Alemão que publicamos no Vol. 7,

nº 1, pag. 25, era uma *Rodriguezia obtusifolia* e não, como publicado, *Ionopsis utricularioides*. Corrigiu-nos Frau

Irene Bock, da Alemanha, através de carta que publicamos no Vol. 7, nº 3, pag. 108. E é melhor parar por aqui, para não ter de falar em outros muitos, como, por exemplo, o de nem sempre ter-se seguido a numeração de páginas, por volume anual, como deve ser, mas, durante alguns períodos, numerando-se páginas como se os números não integrassem um volume anual...

Quanto aos acertos, é só compulsar os números publicados ou correr os olhos pela coluna de correspondência, a conhecida e muito usada **Sementeira dos Sócios**.

Imenso acerto, ou, dizendo melhor, passo essencial foi a introdução das cores. Primeiro, timidamente, nas capas, começando por tingir de vermelho a logomarca da sociedade, no nº 2, do vol. 3, para, logo depois, no 4º número daquele mesmo ano, adotar as 4 cores nas capas (aliás, uma das mais belas dentre as publicadas até aqui) e, em seguida, colorir toda a revista, tudo isto num curtíssimo lapso de tempo. Sem querer estabelecer paralelos e nem mesmo comparações, pois isso seria impossível, é bom ver que o Bulletin da American Orchid Society (Orchids, como passou a chamar-se a partir deste ano), sem dúvida nenhuma o padrão de qualidade e, hoje, fonte inspiradora das melhores publicações mundiais, precisou de cerca de 17 anos para ter cores.

Na verdade a primeira grande reforma de Orquidário foi a adoção de composição tipográfica e a mudança do lay out e escolha de projeto gráfico que mudou radicalmente a fisionomia da publicação. Isto se deu com

Projetos. Sucessos e insucessos.

Sonhamos muito e sonhamos alto nestes dez anos. Realizamos, sem dúvida, grande parte do projeto, mas muito ficou por executar, há algumas frustrações e não poucas decepções.

Não se pode deixar de reconhecer que está em bom andamento o projeto de construir uma sociedade orquidófila moderna, em que, ao lado do lazer, se possa, como cabe, estudar seriamente a orquídea como ser vivo e objeto de contemplação, bem da natureza

a ser preservado, sabendo-se, embora, que, para isto, é preciso preservar mais do que a família Orquidácea para que se possa ter nos habitats essa joia. São evidências dis-

so Orquidário e duas pequenas publicações, da série dos Manuais, o de nº I, Iniciação à Orquidofilia, e o de nº II, Pequeno Glossário do Vocabulário Orquidófilo, ambos merecendo reedição atualizada, por que foram sucessos editoriais e se acham esgotados.

No terreno das frustrações, há duas grandes.

A primeira, o sonho da sede própria que não fique na dependência da generosidade alheia (e nesse particular tem a Orquidário sido bem servida, desde o abrigo inicial que lhe deu Luiz Clemen-

te Ferreira de Souza, na sua chácara na Ladeira Novo Mundo, até a última instalação, no confortável auditório, que lhe é cedido por empréstimo pelo Instituto

de Organização Racional do Trabalho -

"Quando este número estiver circulando, a Orquidário estará celebrando seu quarto ano de existência. Quatro anos nos quais a vimos crescer de um pequeno grupo de entusiastas até tornar-se uma das mais importantes sociedades orquidófilas hoje existentes no Brasil.

"Grande conquista foi a introdução das cores no corpo da Revista, feito sem precedentes no país."

Roberto Agnes, no Editorial ao nº 1 do vol. 4

IDORT). Estivemos bem próximos de alcançar este ideal, conforme se relatou na pag. 23, do nº 4, do vol. 3, mas circunstâncias políticas e conjunturais tem impedido, até agora, que isto se concretize.

A segunda é não termos podido ainda implementar o projeto de instituir um sistema, específico e próprio, de julgamento. Nesse sentido, demos alguns passos, como foi o lançamento do projeto PULCHRA, nossa revista de premiações e qualidade, que não conseguiu passar de quatro números (começou com um pioneiro e experimental número 0) e teve que ter suspensa sua publicação por que é um projeto ambicioso

e caro, do ponto de vista de custo gráfico, como, também, por que, para ser de âmbito nacional e não ficar limitada às coleções e exposições do Rio, com idas eventuais a São Paulo, nos obrigaria a

custosos deslocamentos ou a contar com uma rede nacional de juizes e fotógrafos, pre-parados segundo os nossos critérios. A pecúnia de uma sociedade orquidófila, como todos sabem, é curta e as generosas doações para o Fundo de Apoio à Orquidário, que apareciam nos números antigos da revista, ralearam... Poucas permanecem, como é o caso da Editora Quinta Cor, do Benemérito Jorge Getúlio da Veiga, que continua nos doando o papel de alta qualidade que Orquidário ostenta (vejam o

do último número!).

Os momentos de humor

Nem sempre Orquidário manteve a sisudez que os nossos sócios e leitores merecem e

esperam de nós. Aqui e ali pareceu-nos que

"Gostei muito da sua revista "Orquidário".

Uma das minhas principais atividades é com relação às aquisições para a Biblioteca. Porém, sobre a revista ainda não tinha tido notícias. É uma pena, porque o Brasil é o segundo maior detentor de orquídeas e, no entanto, com relação a publicações continua tímido"

Manfred Wolf, redator da revista alemã "Die Orchidee"

era o caso de dar um pouco de humor, algumas vezes ostensivo, outras oculto (e, aí, sempre nas proximidades do 1º de abril... Já é hora de falarmos disso e ainda o faremos, mas antes gostaríamos de repletar os leitores que identificaram aquelas brincadeiras, que nos escrevam. Sortearemos um livro entre os acertadores.

O Futuro

É de prever que, com a bagagem que já carrega, possa a OrquidaRIO sair-se bem do desafio do futuro, a começar do bem próximo que é a realização da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, junto com outras sociedades irmãs (a AOSP, de São Paulo, a AMO, de Minas Gerais e a AEO, do Espírito Santo) e contando com a ajuda e participação de miríade das mais expressivas sociedades orquidófilas brasileiras.

Não há dúvida de o caminho será cada vez mais difícil, porque os problemas e dificuldades já serão numa escala mais elevada. Vamos ter que reconhecer, em algum momento (e estou convencido de que este momento vai ser muito em breve, ou, quem sabe,

já tenha chegado ou esteja iminente), que os tempos heroicos do puro amadorismo e da improvisação não nos ajudarão mais a caminhar e vamos ter que encontrar uma forma de convivência entre uma organização profissional para funcionamento da nossa entidade

"É preciso abrir a mente e as idéias à nova realidade. Acabou o tempo dos juntadores de plantas do mato! (...) Cabeça, como lembrava em recente conversa nosso associado Hans Künning, é como para-quedas: "Só serve para alguma coisa, quando abre". Vamos manter nossas cabeças abertas para o bem do futuro da orquidofilia brasileira e enfrentar com grandeza a nova realidade"

Álvaro Pessoa, então Presidente da OrquidaRIO, em Orquidário, vol.3 nº 3, pag.22.

e a prática amadorística de uma sociedade de culti-vadores que têm na orquídea o seu hobby. De novo, creio, vale a pena meditar no modelo da American Orchid Society, que tem uma estrutura administrativa altamente profissionalizada, chegando mesmo a revestir-se de forma societária de empresa (é uma Incorporated - Inc., que no nosso sistema jurídico corresponderia a

uma sociedade limitada), enquanto que sócios e dirigentes são predominantemente amadores.

Teremos que resolver os problemas que ficaram pendentes, a instalação "num vaso definitivo", como escrevi tempos atrás, numa das minhas primeiras colaborações para esta revista, ou seja na Sede própria. Teremos que retomar o projeto Pulchra, não por que represente uma "Vanity Fair", mas por que é base para um projeto mais amplo e fundamental, de instituir um corpus próprio de avaliação e julgamento.

Por último e o que me parece mais importante, continuando com sua identidade e peculiar fisionomia, promover a aliança com as Universidades e centros de pesquisa em torno da realização de trabalhos científicos que tomem a orquídea como centro de interesse.

Tudo isto não será difícil desde que tenhamos a coragem da inocência e a vontade férrea dos desbravadores que, não sabendo exatamente os perigos que os esperam, resolvem enfrentá-los e acabam por vencer.

"O evento provou que, quando se deixa de lado provincianismos, bairrismos, vaidades e diferenças pessoais em benefício de um objetivo comum, somos capazes de grandes realizações. Certo, sabemos que nem tudo foi perfeito, mas as pequenas sombras não ofuscaram o brilho do evento..."

Hans Frank, Presidente da OrquidaRIO, a propósito da OrchuRIO 94, no vol.8, nº 4.

**(*) Rua D. Mariana, 73 /902
22.280-020, Rio, RJ**